

Etnografia do passe no espiritismo kardecista: uma leitura sobre agenciamento de símbolos religiosos e dádiva no Centro Espírita André Luiz em Crato (CE)

Pass ethnography in kardecist spiritualism: a reading about agency of religious symbols and gift at the Centro Espírita André Luiz in Crato (CE)

*Renata Marinho Paz*¹
*Geronima Alves de Souza*²

Resumo

Neste artigo, analisamos a prática de aplicação de passes no âmbito do espiritismo Kardecista. A partir de uma abordagem etnográfica realizada junto ao Centro Espírita André Luiz, localizado no município de Crato – CE, apresentamos o modo como esta prática se desenvolve naquela instituição e, associadamente, como são agenciados símbolos religiosos presentes na cosmovisão espírita, a saber: a moral, a caridade e a reforma íntima. A partir disso, lançamos algumas reflexões sobre o paradoxo do interesse na construção de um *ethos* espírita marcado por *habitus* que leva ao desinteresse, em que, no que concerne ao Passe, seria uma ação aparentemente livre e gratuita. Analisamos também o passe considerando a dinâmica moderna de pluralização do mercado religioso, com a reflexão acerca da oferta e procura por bens e serviços religiosos.

Palavras-chave: Etnografia; Espiritismo kardecista; Passe; Símbolos religiosos; Mercado religioso.

Abstract

In this article, we analyze the practice of applying passes within the scope of Kardecist spiritualism. From an ethnographic approach carried out at the Centro Espírita André Luiz, located in the city of Crato - CE, we present how this practice develops in that institution and, in association, how religious symbols are present in the spiritist worldview, namely: morality, charity and intimate reform. From this, we launched some reflections on the paradox of interest in the construction

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: rmarinhopaz@gmail.com

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: geronimalves@gmail.com

of a spiritist ethos marked by habitus that leads to disinterest, in which, regarding the Pass, would be a seemingly free and gratuitous action. We also analyze the pass considering the modern dynamics of pluralization of the religious market, with the reflection on the supply and demand for religious goods and services.

Keywords: Ethnography; Kardecist spiritism; Pass; Religious symbols; Religious market.

Introdução

Neste artigo apresentaremos uma etnografia voltada para a compreensão do processo de aplicação de passes no âmbito do espiritismo Kardecista, a partir de observações e entrevistas realizadas no Centro Espírita André Luiz, localizado no município de Crato – CE. Desenvolvemos nossa discussão em torno dos agenciamentos de símbolos religiosos presentes na cosmovisão espírita, especialmente a moral, a caridade e a reforma íntima, buscando compreender como esses símbolos constituem um *ethos* (GEERTZ, 1978) específico, em que o *habitus* (BOURDIEU, 1996a) marcado pelo desinteresse possui uma posição paradoxal.

O município do Crato possui quatro centros espíritas kardecistas³. Nossas incursões iniciaram em agosto de 2017, e o Centro Espírita André Luiz, localizado no bairro Ossian Araripe, mais conhecido como Caixa D'água, foi escolhido por possuímos contatos com alguns de seus frequentadores, o que poderia ser um facilitador em termos de intermediações pois, ao principiarmos este trabalho, nosso trânsito junto ao espiritismo kardecista era bastante reduzido. As atividades no André Luiz são realizadas às terças e domingos. Às terças, o Centro oferece o atendimento fraterno a terapia do evangelho (ATE); nele, um grupo de estudos debate temas referentes ao evangelho. Após o ATE é realizada uma sessão de passes. No domingo a agenda é composta por palestra seguida de sessão de passes. As nossas observações foram realizadas na maior parte das

³ São eles: Centro Espírita Bezerra de Menezes, Associação Espírita Allan Kardec, Lar Espírita Bom Samaritano e o Centro Espírita André Luiz.

vezes aos domingos, dia de maior fluxo de pessoas presentes, sendo feitas de três a quatro visitas por mês, durante aproximadamente dez meses⁴.

A nossa inserção em campo ocorreu de forma gradual; inicialmente conversamos sobre a proposta de nossa pesquisa com a presidente do Centro, Maria Madalena Pereira de Oliveira⁵, que se mostrou bastante receptiva desde o primeiro momento. Com isso, passamos a realizar as observações e a desenvolver os primeiros contatos com os membros do André Luiz, buscando nos familiarizar com o universo do espiritismo e o ambiente do Centro, participando tanto das palestras quanto da recepção de passes. Por se tratar de um ambiente que preza pelo silêncio, as conversas estabelecidas com o público e trabalhadores do Centro aconteciam sempre ao final das sessões. Além da participação nas sessões, o trabalho também foi baseado na realização de entrevistas semiestruturadas, previamente agendadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Foram gravadas entrevistas contemplando público, passistas, liderança e palestrantes, contabilizando um total de nove colaboradores⁶. Algumas das entrevistas direcionadas aos passistas, palestrantes e liderança aconteceram dentro do próprio Centro Espírita, devido a uma menor flexibilidade de horário desses entrevistados. Como a pesquisa tinha por intuito a compreensão do processo e desenvolvimento da aplicação do passe, as perguntas foram voltadas para as interpretações dos sujeitos em relação à atividade e para a construção dos símbolos religiosos que perpassam esta prática, ao tempo que buscamos salientar a relação entre o doar e o receber. Especificamente, procuramos observar a articulação entre os diferentes pontos de vista, já que as visões dos nossos

⁴ Neste artigo apresentamos apenas um dos aspectos contemplados por esta pesquisa, que teve por base essas observações.

⁵ Madalena é uma mulher de aproximadamente 50 anos de idade, espírita e frequentadora do Centro André Luiz desde a infância.

⁶ Entre os entrevistados, dois não se sentiram confortáveis em ter seus nomes revelados; assim, optamos por atribuir-lhes pseudônimos. Lúcia, que transita entre o espiritismo e a igreja católica, preferiu não ter seu nome revelado pelo receio de que seus colegas de igreja poderiam interpretar. Já Mariana não quis ter seu verdadeiro nome mencionado na pesquisa por ser a única pessoa espírita na sua família, e mesmo frequentando e se definindo espírita há algum tempo, revelou que sua família, devido ser de base católica, tem dificuldade de aceitação.

entrevistados se constituem em significados e crenças estruturados à luz do Espiritismo Kardecista, fundamentadas na noção de uma boa conduta moral necessária à evolução do espírito, marcado por *habitus* que leva ao desinteresse.

Já em relação ao público, as entrevistas foram realizadas fora do contexto do Centro. Os locais foram escolhidos de acordo com as opções dos sujeitos entrevistados, sendo que a maior parte delas foi realizada em suas próprias residências. Direcionamos nossos questionamentos para o sentimento de pertença dos frequentadores, em virtude de que, em campo, por meio de conversas informais, foram observados vários níveis de pertença. Não perdendo de vista a relação do doar e receber, compreendendo o passe como uma oferta de serviço religioso, objetivamos, também, focar no motivo que levaram estas pessoas a estarem no Centro espírita recebendo o passe⁷.

Em campo somos posicionados e estamos envolvidos por interesses diferentes, em razão disso, as motivações que nos levavam a estar no André Luiz recebendo o Passe não eram as mesmas inclinações que levavam os adeptos da doutrina a executarem determinados atos e sentimentos em relação à atividade do Passe. Para os membros do André Luiz (lideranças, Passistas e alguns trabalhadores⁸), estávamos na condição de observadores *não espíritas*, e ao passo que observávamos, também estávamos sendo observados, mas, devido ao fluxo dos frequentadores, em relação à grande parte do público a nossa condição de observador acabava sendo desconhecida.

⁷ Cabe também destacar que, por estranharmos alguns dos termos espíritas em campo, procuramos por uma gramática espírita que nos proporcionasse um maior embasamento para compreensão do universo espírita. Nas palestras desenvolvidas no André Luiz são amplamente utilizados livros da codificação; assim, nos aproximamos. do Pentateuco espírita ou Kardecista, que se constitui a codificação espírita, é composto pelo “O livro dos Espíritos”, publicado em Paris em 1857, situando a parte filosófica; “O Livro dos Médiuns”, em 1861, reunindo as explicações sobre os gêneros das manifestações mediúnicas, para a parte experimental e científica. “O evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e a “Gênese”, destacando a existência de Deus, como também a origem do bem e o mal, a criação, a vida e o universo. Também fizemos leituras relacionadas especificamente ao passe com destaque para os trabalhos de Jacob Melo “O Passe”, e “Passes e Passistas, de Roque Jacintho.

⁸ Segundo as próprias palavras de Madalena, presidente do Centro, todos aqueles que fazem parte do grupo de organizadores recebem o nome de trabalhadores, e isso corresponde também a uma denominação em relação aos Passistas do Centro observado.

Desde nossas primeiras visitas ao Centro, um aspecto despertou a nossa atenção: o passe. Com base em nossas observações, em fontes espíritas e em obras que versam sobre a temática, apresentaremos a seguir nossas análises a respeito desta atividade.

Um dispositivo terapêutico

Popularizado sob tal nome e modernamente inserido no Espiritismo, o passe não é uma criação da doutrina espírita, na medida em que se encontra presente em diversas formas de expressão religiosas. Esta atividade é considerada uma das mais usuais derivações práticas da mediunidade e do magnetismo⁹, sendo incluída no contexto das medidas assistenciais, como um auxiliar dos recursos terapêuticos ordinários no Espiritismo. Ao consultar trabalhos espíritas sobre o assunto, Melo¹⁰ (1996) afirma que é difícil imaginar uma instituição espírita sem possuir trabalhos de assistência espiritual através desse dispositivo terapêutico.

Seguindo a própria conotação da palavra, a ideia de “passar ou “transmitir” algo a alguém, à luz do Espiritismo Kardecista, o que ocorre no passe é uma transfusão de energias de natureza fluídica. Nas palavras do espírito Emmanuel¹¹, “como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças, o passe é uma passagem de energias” (XAVIER, 2008, p. 40). Esta ação ocorre por meio de técnica, de um para outro indivíduo, onde essas energias,

⁹Antes da sua dedicação aos estudos dos fenômenos espíritas, Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), conhecido como o codificador do Espiritismo, havia estudado o magnetismo. Na sua compreensão, o magnetismo preparou o caminho para o Espiritismo. Kardec definiu que o magnetismo e o Espiritismo são duas ciências irmãs. Para maiores informações, ver especialmente Kardec (2003).

¹⁰Intitulada “O Passe: seu estudo, suas técnicas, sua prática”, este trabalho de Jacob Melo objetiva apresentar uma análise sobre o fenômeno do Passe, com as noções básicas sobre a prática: suas definições e fins; a água fluidificada; tipos de passes; técnicas e os procedimentos sobre o funcionamento do trabalho de passes nos Centros espíritas.

¹¹ Emmanuel é o nome atribuído ao mentor espiritual do médium brasileiro Chico Xavier, com o qual realizou uma parceria espiritual, desde a sua primeira aparição em 1927, sendo mais de 110 livros de autoria de Emmanuel, psicografados por Chico Xavier. Para maiores informações ver XAVIER (2008).

denominadas de fluidos espíritas, são provenientes do encarnado (passista) e de fluidos espíritas (espíritos) (MELO, 1996).

Armond¹² (1990) também afirma que o tratamento pelo passe visa promover o reajustamento do equilíbrio interno e externo. A este respeito, um de nossos entrevistados, Breno Romão, rapaz de dezenove anos de idade, frequentador do Centro Espírita André Luiz há mais de cinco anos, relatou que conheceu o Centro movido pela busca de ajuda espiritual: “Fui um paciente e agora sou um frequentador da Casa. Com o passe eu me sentia aliviado, como se tivesse, ali, um bálsamo que me deixasse motivado”¹³. Assim como Breno, Dona Ana, sua avó, uma senhora de cinquenta e cinco anos de idade, frequentadora e ex paciente¹⁴ do Centro, relata que conheceu a Casa Espírita após procurar tratamento espiritual com ajuda de passes. Segundo ela, no dia em que foi pela primeira vez precisou ser levada nos braços de seu esposo: “As pernas endureceram e eu não caminhava mais, mas eu queria entrar e disse: botem-me lá dentro”¹⁵. Dona Ana contou-nos que foi submetida a várias aplicações de passes, com alguns passistas presentes na mesma sessão, devido seu caso ter sido muito grave. Em suas próprias palavras, ela disse: “Só sei que eu voltei caminhando pra casa, sem sentir mais nada [...] Aí pronto, depois disso eu comecei a acreditar porque eu voltei pra casa caminhando, sem ajuda. Mas foi um trabalho sofrido...”. A respeito do passe, Dona Ana afirma que

É de uma utilidade muito boa, muito grande! Porque assim...
Você recebe aqueles fluidos, e muitas vezes você vai chegar ao
Centro toda angustiada, com algum problema e ao receber o

¹² Intitulada “Passes e Radiações: métodos espíritas de cura” (1990), esta obra de Edgar Armond, com mais de setenta ilustrações, há décadas é uma referência em escolas e cursos de Espiritismo de todo o Brasil. O livro aborda diversas questões como a energização, tipos de passes, métodos espíritas de curas e o estudo sobre os fluídos.

¹³ Entrevista realizada no dia seis de outubro de 2017.

¹⁴ Algumas pessoas que participam do atendimento fraterno a terapia do evangelho (ATE), no Centro, às terças-feiras, estão na qualidade de pacientes, buscando por tratamento espiritual. Como o ATE consiste em um grupo de estudo do evangelho, pelo evangelho, nem todas as pessoas que frequentam são pacientes do Centro. Algumas delas vão pelo estudo e outras já passam pelo atendimento, sendo ex-pacientes, como é o caso da Dona Ana.

¹⁵ Entrevista realizada no dia dezoito de outubro de 2017.

passa você sai maneira. Como se fossem retiradas de você essas coisas ruins, através do passe. Eu chego com dor de cabeça e saio sem dor de cabeça! O passe é tipo uma... Vamos falar a língua popular mesmo, ele é um remédio!

Mas, afinal de contas, o que é o passe? Popularizada sob tal nome, essa atividade não é uma criação da doutrina espírita. Como prática terapêutica, tem seu nascimento nas civilizações antigas, sendo revestida das mais variadas fórmulas e ritos. Melo (1996) afirma que não foi normalmente sob o nome de passe, mas, via de regra, como “dom de curar, “mediunidade curadora, “imposição de mãos”, que Allan Kardec se referiu ao assunto estudado. Além disso, em diversas ocasiões tratou deste tema designando-o, genericamente, de “magnetismo”. Na literatura Kardecista, é possível encontrar inúmeras referências aos termos magnetismo e magnetizador. Kardec os denominava magnetizadores no objetivo de diferenciá-los dos médiuns de cura¹⁶. No entanto, segundo Melo:

Mesmo fazendo uso dos termos mais comuns a época, fica evidente que o passe foi considerado e estudado por Kardec com a mesma seriedade e gravidade que se tornaram sua marca registrada na condução do árduo trabalho da Codificação Espírita [...] na maneira como venha a se empregar o termo, o Passe tanto pode ser entendido como uma terapia espírita, como uma parte do magnetismo, como uma técnica de cura ou ainda como sentido genérico da “fluidoterapia¹⁷” (1996, p. 7).

O passe tem como objetivo o reequilíbrio do corpo físico e espiritual e, dentre outras atividades do repertório do Centro Espírita André Luiz, essa prática é uma delas. No domingo a sessão ocorre após a exposição das palestras públicas, iniciadas pontualmente às dezenove horas e terminando às vinte horas,

¹⁶A mediunidade de cura é o dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem concurso de qualquer mediação. Para maiores informações, ver Jacintho (1987).

¹⁷Conforme Melo (1996), na própria definição etimológica da palavra, Fluidoterapia é formada pela fusão de dois termos fluiu (do latim), e therapía (do grego), desde modo, pressupõe o tratamento realizado pela ação de fluidos tendo como mecanismo de aplicação o passe e a água fluidificada, consistindo em um complemento da sessão do passe realizada em Centros Espíritas.

conforme um calendário de temas¹⁸ que fica exposto logo na entrada do salão. Como um hábito adquirido ao longo das observações, procurávamos chegar ao Centro meia hora antes do início da palestra. Sentávamos na calçada de uma das casas em frente ao Centro e observávamos quase sempre o mesmo cenário. O André Luiz está localizado à Rua Delmiro Gouvêia, 67, no bairro Ossian Araripe, mais conhecido como Caixa D'água. Na rua silenciosa, com um calçamento de pedras, poucos moradores ficam nas calçadas de suas casas, exceto Dona Perpetua e Seu Raimundo, dois dos passistas mais antigos do espaço, que frequentemente podem ser encontrados sentados em frente à casa da Dona Perpetua, localizada três casas antes do Centro, do mesmo lado da rua. O movimento de pessoas vai crescendo aos poucos à medida que os minutos vão passando. O público, entre homens e mulheres, jovens e idosos, variando entre 20 ou 25 pessoas por palestra, vem chegando, grande parte a pé, geralmente em silêncio. Logo na entrada, ao ingressar no espaço, são acolhidos por algum trabalhador¹⁹ do Centro, recebendo folhetos com mensagens espíritas. Cumprimentam uns aos outros e logo procuram um lugar para se sentar e ficar em preces.

A fachada da casa é em tons de branco e azul, as cores predominantes do espaço, constando a identificação do Centro. Há um muro com um pequeno portão que dá acesso à porta de entrada, sem nenhuma janela na frente, apenas nas laterais, sendo duas de cada lado. O prédio é bem iluminado; antes do início das palestras são tocadas músicas instrumentais, contribuindo para o clima tranquilo do ambiente.

As palestras ocorrem no salão principal. Sua mobiliária é simples, composta por mesas, ventiladores, possuindo quatorze fileiras de cadeiras, sete

¹⁸ Segundo o depoimento da presidente Maria Madalena Pereira de Oliveira, a Passista Socorro Alves é a pessoa responsável para elaborar a escala dos palestrantes e contactá-los para esta atividade. Madalena tem 50 anos e mais de vinte anos de trajetória junto ao espiritismo. A entrevista com esta colaboradora foi realizada no dia 22 de outubro de 2017.

¹⁹ Todos aqueles que fazem parte do grupo de organizadores recebem o nome de trabalhadores, e isso corresponde também a uma denominação em relação aos passistas do Centro.

de cada lado, sendo que cada fileira possui quatro cadeiras de plástico brancas. Não há imagens nas paredes, exceto uma pequena placa pendurada com os dizeres: “Sorria, você está sendo amado”. Possui algumas estantes com livros, alguns ficam expostos para serem vendidos ao público.

Conforme Nascimento Júnior, “(...) podemos localizar nas reuniões públicas dos Centros Espíritas, a repetição de palavras, de gestos e de manipulação de objetos” (2017, p. 186). Neste sentido, o Centro André Luiz segue a mesma ritualística a cada domingo. Após o palestrante ser apresentado pelo dirigente da palestra, em geral algum trabalhador da Casa, iniciam-se as atividades da noite. A prece é realizada no início e no final da palestra, sempre pedindo permissão ao espírito do André Luiz, o patrono da Casa, e as companhias espirituais presentes, ao tempo que também convida o público, nas próprias palavras dos trabalhadores, “aqueles que assim desejam”, a ficarem de olhos fechados e repetirem, de forma silenciosa, a prece. Seu conteúdo varia de acordo com o tema da palestra possuindo, de forma geral, a seguinte mensagem:

Mestre Jesus, estamos aqui na tua presença, tu que és nosso maior modelo de caridade, nosso modelo mais perfeito de homem na terra. Rogamos por tua mão, pedimos luz para esta Casa e te agradecemos, movidos pelo teu amor e pela tua caridade, por nos enviar nossos amigos espirituais, por nos ensinar a sermos melhores e o teu valor moral [...] ²⁰.

Ao longo da palestra as pessoas permanecem em silêncio, concentradas naquilo que é dito pelo palestrante. Os passistas também se comportam da mesma forma. Sentados junto ao público, permanecem assim durante a palestra, e quando está perto do momento da prece final, eles se dirigem para a sala do passe, para realizar um trabalho em grupo de limpeza espiritual da sala. De acordo com o relato da passista Eneida²¹:

²⁰ Trecho da prece ouvida no Centro, realizada em 1º de outubro de 2017, proferida pelo palestrante Adamo Xenofonte Brasil. Adamo tem 31 anos de idade, é espírita há cerca de onze anos, não frequenta nenhum centro específico, mas atua como palestrante em diversas casas.

²¹ Maria Eneida Feitosa é uma mulher de 53 anos de idade, espírita desde os 11 anos, que atua como passista e palestrante no Centro André Luiz há mais de oito anos. A mesma é passista há

[...] a gente entra em sintonia, em círculo e, algumas vezes de mãos dadas, outras vezes não. E, a gente roga proteção, roga auxílio... A gente faz isso antes e depois. Inclusive, a gente pede que não sejam as nossas fraquezas, que não sejam os nossos empecilhos, para que aquela pessoa que nos procurar na câmara de passes, seja atendida... Para que as fraquezas da gente não sirvam de empecilhos.

Como um local utilizado para a realização da tarefa de passes, é necessário que haja uma limpeza espiritual antes da aplicação pois, conforme Lewgoy (2004, p. 262), “Dentro do sistema de crenças espírita, toda atividade ritual demanda uma preparação do ambiente em que encarnados colaboram com desencarnados para uma faxina espiritual do ambiente, que acontece antes da sessão, equilibrando os fluidos presentes”. A sala, localizada logo após o salão, é pequena, com uma janela, um ventilador, duas portas, um relógio de parede, um jarro de flores e nenhum outro objeto, a não ser bancos de cimento aonde os assistidos sentam durante o passe; a sala permanece com as luzes apagadas o tempo todo. No que concerne à aplicação de passes, as luzes apagadas contribuem para a concentração e a convergência de bons pensamentos do passista, sendo fundamental para a doação dos fluidos e a atuação dos espíritos sobre eles já que, de acordo com Cavalcanti (1983, p. 46) “Segundo os espíritas, com a luz normal os fluidos, veículos da comunicação espiritual, se dispersam ou se queimam”.

Antes do momento do passe, sempre é frisado que ele é uma emanção de amor, um abraço de luz. Quando é anunciada essa definição, é possível compreender que tal discurso não passa pelo julgamento da originalidade da frase, mas sim pela transformação que opera no ouvinte e também no falante (LATOURE, 2004). Esse discurso aciona e atravessa uma gama de significados, que contribui para reforçar a crença na eficácia simbólica de que os assistidos estão saindo da sessão fluidificados e com o sentimento de união. Visto pelos espíritas

mais de 20 anos, quando fez o curso para passistas no Centro Espírita Jardim das Oliveiras em Boa Vista – Roraima. A entrevista com Eneida foi realizada em 27 de fevereiro de 2018.

como um momento de troca, um ato de amor para com o próximo, com Latour podemos compreender que, em relação aos adeptos da doutrina, “Quando aquelas palavras são proferidas, algo acontece. Um pequeno deslocamento na marcha ordinária das coisas” (LATOURE, 2004, p. 351).

Seguindo em direção a um corredor, o público vai se dirigindo em fila. Um passista, responsável por organizar o trânsito das pessoas, fica na porta da sala. O público vai entrando em grupo, de acordo com a quantidade de passistas da noite. Ao entrar, cada pessoa senta na frente de um passista; é recomendado estar em silêncio e em prece. Os passistas encontram-se em pé, em concentração, um ao lado do outro, realizando a prece mentalmente ou em voz baixa. Como argumenta Peralva, “a prece representa um elemento indispensável para que a alma do passista estabeleça comunhão direta com as forças do bem, favorecendo, assim, a canalização, por meio da mente” (2015, p. 82).

A duração do passe aplicado no Centro André Luiz aos domingos é equivalente a cerca de um minuto. O assistido senta e fecha seus olhos, enquanto o passista vai se aproximando. De cima para baixo, pausa sua mão sob a cabeça do assistido, sem tocá-lo; nesse momento, ocorre a doação de energias. O passista responsável pelo trânsito das pessoas, no momento da sessão, coloca suas mãos em direção à sala, para realizar a emanção das energias. Não existe nenhum tipo de comunicação verbal entre os passistas e os assistidos. O único momento de fala é quando o passista que fica na porta pede para que todos vão para casa em paz, e passistas e assistidos, em coro, respondem: “que assim seja”. Os passistas passam suas duas mãos sobre o corpo do assistido e voltam para sua posição inicial, sempre em prece. O público sai em silêncio pela outra porta da sala e vai direto beber uma água fluidificada pelos espíritos presentes durante a palestra.

Indagado sobre este momento, Luciano²², em entrevista, mencionou que o momento da sessão do passe é como uma possibilidade de melhoria e um

²²Luciano Guedes Siebra, 43 anos de idade, é um dos frequentadores mais assíduos do Centro; sempre é possível observá-lo aos domingos junto com seu filho. O mesmo, embora tenha um conhecimento da literatura espírita e já tenha frequentado outros Centros, como o Bom

reequilíbrio energético, “Eu vejo um momento pra gente refletir, reequilibrar nossas energias internas [...] Diminui um pouco mais nossas ansiedades, né? A gente fica de certa forma, um pouco mais calmo, é um momento de relaxamento” Falas como essas permitem pensar que, através de um estado de receptividade, já que o discurso é que o assistido precisa se encontrar “aberto” para essa experiência, o passe proporciona um bem-estar àqueles que o recebem, pautado em uma harmonização das emoções e das energias internas.

O passe: reflexões sobre caridade e a reforma íntima

No dia onze de março de dois e dezoito, a mensagem do folheto recebido na entrada do Centro possuía algumas passagens retiradas do livro “Momento de Paz” – uma psicografia de Chico Xavier, em que o espírito Emmanuel afirma que a “Caridade não pede recompensas para se manifestar”, ou que “Caridade não pensa naquilo que outros façam”. Conforme a fala de Júnior²³, um dos palestrantes do André Luiz, a atitude da caridade passa a se desenvolver por meio da reforma íntima, significando dizer que o ser humano sempre está em processo de transformação, tendo em vista que “Para o Espiritismo, a reforma íntima é essencial, por que, se o objetivo maior é desenvolver-se para a caridade; para o bem, só é possível no momento em que eu descubro quais são os meus defeitos, quais são as minhas qualidades [...]”. Em paralelo a este depoimento, a passista Eneida interpreta que a reforma íntima “É você se conhecer... É um posicionamento filosófico! É a gente abandonar... Tentar abandonar o orgulho, o egoísmo, praticar a caridade... É tentar ver no outro o seu irmão. É um trabalho de alto amor constante!”

Samaritano, localizado também no Crato – CE, na Vila Alta, não se define espírita, por considerar essa definição muito complexa. A entrevista com Luciano foi realizada em 23 de setembro de 2017.

²³ Raimundo Nonato Charles Júnior, conhecido como Júnior, é um homem de 44 anos de idade, espírita desde os dezoito anos de idade e palestrante em diferentes casas espíritas, dentre elas o André Luiz. Júnior foi entrevistado no dia 15 de março de 2018.

No terceiro livro da codificação, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo IV, com o Espírito da Verdade²⁴, destacamos a passagem que diz: “Espíritas! Amai-vos, este o primeiro Mandamento. Instruí-vos, este o segundo”. Neste sentido, nos estudos da Casa sempre é indicado que a preparação do espírito seja diária, direcionada a uma conduta moral, por meio de conjunto de regras e princípios, pois a moral no Espiritismo, a moral cristã, é como código de ética sobre a qual se apoia a conduta do verdadeiro espírita (NOVAES, 1998). Deve-se possuir uma formação intelectual e, acima de tudo, moral, posto que “O processo intelectual e moral raramente marcham juntos, mas o que o espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível” (KARDEC, 2013, p. 36). E, para Allan Kardec, isso decorre da estruturação do mundo moral no íntimo do ser, no postulado que o indivíduo moralizado é alguém que considera o sentido da vida dentro de um contexto maior.

A vigilância, a caridade e a moral no meio espírita são imperativos categóricos e constituem-se em símbolos imprescindíveis no processo de formação, que deve ser contínua. Com base em Geertz (1978), é possível pressupor que existe uma motivação para o espírita, de um modo geral, seguir determinada conduta, considerando os preceitos do espaço social. Em termos desta formação continuada, a moral estaria associada a uma motivação de conduta e para conduta, e como símbolo se apresenta como um elemento direcionador, na concordância que a sua ação transcende a esfera do Centro, pois ela estaria no sujeito espírita, que por meio do ato da vigilância e da caridade, vai modulando a sua vida, fazendo pensar e agir de acordo com o conteúdo do símbolo. Nesta perspectiva, Madalena afirma que

A gente precisa ter cuidado como o corpo físico, por isso que tentamos deixar os vícios, que são nocivos ao corpo e ao espírito. O Espiritismo orienta que a gente precisa ter cuidado com o

²⁴O Espírito da Verdade ou Espírito de Verdade, é reconhecido no Espiritismo como o guia particular de Allan Kardec e um inspirador da Codificação Espírita.

corpo, a mente, o espírito [...] as substâncias químicas, tóxicas, nocivas, a gente não deve utilizar! A doutrina não vai condenar, ela vai orientar! O egoísmo, a vaidade é tão prejudicial quanto a bebida, a droga, cigarro... A gente, também, precisa combatê-los o tempo todo!

Com o pressuposto de Geertz da religião como sistema cultural esta, enquanto esfera social, é algo que se espraia pela sociedade, constituindo-se em “um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral [...]” (1978, p. 105). Sendo assim, entre os símbolos religiosos apresentados nesta discussão, é possível compreender que, dentre eles, a caridade é um dos mais presentes e defendidos pela maioria das religiões, e também se apresenta com um dos mais importantes na elaboração da cosmovisão espírita pois, na construção de um *ethos* no Espiritismo, ela é visualizada como a mais importante de todas as virtudes.

Considerando a relação entre realidade subjetiva e realidade objetiva, as disposições são constitutivas de *habitus* (BOURDIEU, 1996a) de moralidade, de caridade e de vigilância, proporcionando a visão do agir de maneira desinteressada. Para Bourdieu, boa parte das ações humanas tem por base algo diferente da intenção, isto é, “disposições adquiridas que fazem com que a ação possa e deva ser interpretada como orientada em direção a tal ou qual fim, sem que se possa, entretanto, dizer que ela tenha por princípio a busca consciente desse objetivo” (BOURDIEU, 1996a, p. 164). É possível perceber que o que seria mais evidenciado dentro do Espiritismo, no diálogo com os nossos interlocutores, é o próprio comportamento moral do sujeito, comportamento este pautado pela vigilância, moralidade e acima de tudo, pela caridade.

O passe, enquanto dom, marcado por um caráter generoso, sintetiza esse comportamento moral, alicerçado no *habitus* predisposto ao desinteresse. Entretanto, para Bourdieu, a principal compreensão da experiência do dom é a sua ambiguidade, na qual “de um lado, essa experiência é (ou pretende ser) vivida como rejeição do interesse, do cálculo egoísta, como exaltação da

generosidade, do dom gratuito e sem retribuição; de outro, nunca exclui completamente a consciência da lógica da troca [...]” (BOURDIEU, 1996b, p.07). Embora o agir com caridade funcione como uma espécie de um *modus operandi*, estruturando tanto a ação como a percepção do espírita frente a sua realidade social, essa dicotomia entre o interesse e o desinteresse, como sinaliza Bourdieu, não vai excluir completamente a consciência da troca, mesmo com a presença de um sutil e camuflado interesse residindo e se fundamentando na *illusio*, em que “o dom só é de fato dom se não parecer como tal, nem para quem o faz nem para quem o recebe” (BOURDIEU, 1996b, p.10).

Diante de tantos fundamentos que constituem a caridade no espaço do Espiritismo, a mais elementar delas seria justamente o desinteresse pessoal, e o termo “interesse”, nesta reflexão que apresentamos, acaba não sendo bem visto por muitos dos nossos colaboradores, já que o agir desinteressado é algo interiorizado pelo *habitus* espírita. Na condição de pesquisadoras não participantes deste sistema religioso, percebemos o paradoxo sinalizado por Bourdieu, pois este desinteresse frente ao fazer a caridade não significa dizer que o espírita não almeje, por exemplo, a sua evolução²⁵.

Nesta perspectiva, modelos como esses de conduta moral, assim como os estudos das obras espíritas, principalmente os ensinamentos dos espíritos na codificação, contribuem para a construção da discussão sobre os símbolos religiosos que fundamentam o *ethos* e a *cosmovisão* espírita de mundo, baseadas no aprendizado e auto-análise constantes.

Os ensinamentos trazidos na codificação revelam que, por meio da reencarnação, cada pessoa estará em um processo de evolução individual, uma vez que “a cada nova existência o espírito dá um passo no caminho do progresso” (KARDEC, 2009a, p. 82). Desta forma, a relação da reforma íntima com a caridade pressupõe o processo de evolução e de melhoria do ser, direcionado para o

²⁵ Percebemos que a questão resvala, principalmente, no peso que certas palavras como o termo “interesse” acabam assumindo dentro do campo de pesquisa.

campo do aperfeiçoamento moral, em que, segundo a doutrina espírita, a vida no corpo é um despertar espiritual e moral contínuo. No livro “Conhecendo o Espiritismo” (1998), Novaes reúne uma série de aspectos introdutórios para o conhecimento desse sistema religioso, enfatizando que a frase “Nascer, morrer, renascer ainda progredir sempre, tal é a lei” resume o significado da reencarnação para o Espiritismo. O mesmo ainda argumenta, por meio de uma síntese das obras Kardequianas, que na doutrina dos espíritos, para se viver bem na espiritualidade, na vida pós-morte, deve-se viver bem na vida material (NOVAES, 1998, p. 61).

Partindo do pressuposto do Espiritismo como doutrina evolutiva, a caridade pode ser compreendida como um dos símbolos religiosos mais agenciados e, na visão dos entrevistados, tal prática sintetiza todo princípio da moralidade espírita, uma vez que a expressão “Fora da caridade não há salvação” é uma das principais premissas do sistema doutrinário. Da forma como enfatizou a passista Socorro Brito²⁶, uma senhora de cinquenta e dois anos, também palestrante no André Luiz há quase seis anos, a caridade não pressupõe somente a parte material: praticá-la parte do sentido de preocupar-se em ajudar o próximo e, de alguma maneira, diminuir seu sofrimento.

Sobre este aspecto, destacamos que durante as entrevistas realizadas com as lideranças, público, palestrante e passistas, um dos aspectos mais recorrentes em relação à procura pelo passe, é que “todos vêm pela dor”. É possível perceber que as pessoas que começam a frequentar um Centro Espírita, em sua maioria, vêm na busca por auxílio, como é o caso de Socorro Brito que, mesmo não detalhando sua situação, contou-nos que chegou ao André Luiz em busca de tratamento e não por curiosidade. O mesmo sentido foi apresentado por Dona Ana:

[...] Olha, muitos que frequentam, acho que se tiver dez que não foi pela dor, tem muito. Maioria só vai quando acontece alguma

²⁶ Socorro Brito foi entrevistada no dia 15 de março de 2018.

coisa grave, quando perde um ente querido, que entra em depressão forte, quando tá sofrendo até por questão amorosa, quando perde um... Um casamento de muitos anos e separam, muitos perdem maridos, filhos, irmãos e ficam atormentados, terminando procurando um Centro. É raro um que vá espontaneamente! Quando você vai acompanhando alguém e continua, permaneça... Esse vai espontâneo, porque foi com alguém, gostou e ficou que é o caso de uma das nossas coordenadoras. Ela foi com a irmã dela doente, e a irmã dela fez o tratamento, deixou de ir e ela até hoje permanece.

Nesse sentido, como uma das formas de tratamento complementares à água fluidificada e ao evangelho, o passe pode ser interpretado como um trabalho de caridade. Seguindo a lógica espírita, à medida que se faz a caridade é possível que se torne uma pessoa melhor. O passista, ao ajudar o assistido, realizando uma espécie de “higienização energética”, passa a se melhorar moralmente.

No livro, “A Justiça Divina”, o espírito Emmanuel menciona que a perfeição é a meta e a reencarnação o caminho, sendo a reforma íntima um processo de autoconhecimento contínuo; por ela, o espírito vai se libertando de suas imperfeições. Associando esta reforma com a formação do passista, os espíritas, desejando evoluir (já que a evolução não se conquista sem a pureza de corpo e de espírito), devem combater e eliminar de si mesmos os vícios nocivos e os sentimentos ruins, libertando-se deles definitivamente (ARMOND, 1990). No esforço da reforma e da melhoria íntima, o passista, no ato da transferência de energias para o assistido, precisa encontrar-se em uma convergência de bons pensamentos, em pleno estado de elevação, ser possuidor de uma boa conduta e condições morais, para que vícios e sentimentos negativos não mudem a qualidade dos fluidos na hora do passe. Neste sentido, o passista precisará, também, ser um vigilante de suas ações: por meio dessa vigilância diária, quanto mais limpo, melhor poderá servir (ARMOND, 1990, p. 36).

Seguindo este raciocínio, Melo (1996) sublinha que o corpo daquele que ministra o passe é um canal envolvido no processo da aplicação, só que, para servir de canal eficaz ao mundo espiritual, o mesmo deverá contar com uma

preparação moral e psíquica de bom nível. Para o autor, esse bom nível fundamenta-se no fato de que só será possível ser passista espírita quando suas técnicas forem consentâneas com a doutrina espírita e seu proceder moral se coadunar com os princípios desta. Neste processo de ajudar ao próximo, Jacintho (1987) argumenta que há uma grande responsabilidade no ato de doar-se, “cabendo ao passista ser uma permanente usina geradora de saúde e harmonia, trazendo em seu coração o desejo de ser útil ao seu próximo” (p. 13).

Prosseguindo na análise da perspectiva da doação, o passe também implicaria em uma renovação energética para aquele que o aplica. No delineamento deste ponto de vista, tomamos como base a própria definição, situada em campo, do passista como um canal da espiritualidade. À medida que as energias vão passando, este canal vai se purificando, e no preceito da doação de energias, não é apenas um passe aplicado, mas toda uma carga simbólica que liga o agente às espiritualidades superiores, através deste ato de ajudar ao próximo e deste bem dado.

Da forma como a troca é concebida e praticada, não perdendo de vista a premissa anterior de “que à medida que se faz a caridade você se torna uma pessoa melhor”, partindo de certos subsídios teóricos do “Ensaio sobre a Dádiva”, de Marcel Mauss (2003), no qual seu entendimento básico está alicerçado na máxima do “dar, receber, retribuir”, retomamos a ideia do passe como um dom, ou uma dádiva, constituindo-se como um sistema de trocas no doar e receber do passista. Como sinalizado na perspectiva maussiana, essa transferência de energias – ou doação para melhor entendimento, cria a possibilidade de o doador vir a ser recebedor, e na relação desta concepção com o campo observado, a passista Eneida, em entrevista, relatou que nunca vai ao Centro para ofertar e sim para receber²⁷. Indagada sobre a problemática de uma

²⁷ Destacamos que esta opinião da passista Eneida não é uma fala isolada da entrevistada. Observamos a mesma levantar esse mesmo questionamento durante algumas de suas palestras no Centro, indagando aos presentes sobre o fato de que as pessoas vão ao Centro espírita para receber, e percebemos que esse receber se direciona à própria evolução moral do espírito.

troca, na relação do passe com a evolução moral do passista, a mesma responde que:

[...] a gente acha que se eu der, a gente fica sem, não é! Você vai... Você aplica o passe e você volta como se o dia tivesse começado, sabe? É uma coisa que quanto mais você dá, mais você recebe! A gente sai de lá leve... [...] É uma troca por passista, entendeu? Que ele vai lá e se predispõe a impor, a fazer indução de mãos, mas ele tá recebendo!

No sentido de que “é uma coisa que quanto mais você dá, mais você recebe”, na realização da aplicação, o doar e o receber norteiam essa relação aparentemente livre e gratuita. Entretanto, a partir de Mauss (2003), podemos compreender que, a partir da noção de reciprocidade, que as trocas são simultaneamente voluntárias e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, úteis e simbólicas. Podemos considerar o passe essa própria coisa dada; na própria fala da passista, “A gente sai de lá leve”; em nível analítico, a troca se estabelece, sendo que o canal também beneficiado, e essa abordagem não se constitui apenas no reflexo de trocas materiais, mas sobretudo imateriais, sendo que a diferença da obrigação das dádivas com as simples trocas cotidianas entre as pessoas é justamente seu caráter simbólico, em razão de que essas dádivas são revestidas de representatividades simbólicas específicas (MAUSS, 2003). E neste reforço do valor simbólico, no sentido de uma obrigação, embora em nível pré-consciente, Eneida esclarece que “nós temos uma responsabilidade pessoal com Cristo, mas nós vamos dar primeiro para receber. Ninguém está na condição de doar, não!”

Contudo, esta perspectiva do passe como uma troca não é consensual entre os nossos interlocutores. Socorro Brito, por exemplo, mesmo ressaltando que “é passando água limpa no canal que purifica”, argumenta que a melhoria, a evolução não é a motivação essencial. Concebendo o passe como um trabalho de caridade, percebemos outro desencontro quando o palestrante Junior também argumenta que “a caridade verdadeira, ela é desinteressada. A pessoa não faz porque almeja um tipo de benefício”. Considerando a dimensão da troca no

campo da atividade de aplicação de passes e as diferentes interpretações dos entrevistados, trazemos para o diálogo a questão que Pierre Bourdieu levanta em seu texto “É possível um ato desinteressado?” Ao tentar responder essa questão, o autor traça uma teoria da ação, postulando que, por trás de qualquer ato que se mostre desinteressado existe sempre um interesse, embora o agente social nem sempre tenha consciência.

Na perspectiva de Bourdieu, cada campo, ao se produzir, produz uma espécie de interesse; nesta perspectiva, o passista passa a se melhorar, ajudando ao próximo com a doação de energias, oferecendo a possibilidade de um reequilíbrio por meio dessa doação ou a retirada das energias ditas como “negativas”. Temos então que este processo, além de terapêutico para quem recebe, pode ser compreendido como algo fundamental para a evolução espiritual e moral do passista.

Considerando as divergentes interpretações sobre o pressuposto da troca vinculada ao passe, Bourdieu (1996b) também contempla o sentido de que, em algumas situações, suspende-se o interesse material, uma vez que o ato desinteressado é simbolicamente recompensado e valorizado pelo campo; assim, voltamos à argumentação que o agente social nem sempre age por interesse consciente. Na visão de Júnior, não existiria nada de errado no interesse simbólico, “no sentido de que se eu faço o bem, pensando em obter algum bem, algum bem não material, mas um bem imaterial; espiritual, isso por si só não é um erro... Isso vai evoluindo até que a pessoa faça o bem de maneira desinteressada”. Em sintonia com a perspectiva de Bourdieu, neste depoimento podemos perceber a existência de uma relação entre as estruturas mentais e as estruturas do espaço social, sendo que a própria visão espírita acerca do afastamento do homem do materialismo configura a percepção da caridade como algo desinteressado.

Ainda de acordo com Bourdieu, consideramos a relação da troca por meio da noção de *illusio*. Sendo esta compreendida como estar e levar o jogo a sério,

nesta concepção o passe pode ser analisado como destituído de qualquer tipo de interesse mas, ao mesmo tempo, os elementos inseridos no seu processo são para os envolvidos. Da forma como frisa o autor:

[...] se você tiver um espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem colocada. Dito de outro modo, os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social (BOURDIEU, 1996b, p. 139).

A palavra interesse, como colocada por Bourdieu, “teria precisamente o significado que atribuí a noção de *illusio*” (1996a, p. 139), essa importância que se dá ao jogo social. Portanto, não se trata de questionar ou negar a existência da conduta desinteressada do espírita, mas de analisá-la como algo condicionado pelas estruturas do espaço do social. Na reflexão sobre o interesse simbólico perpassando a prática do passe, envolvido pela *illusio*, voltamos ao depoimento de Socorro Brito, ao considerar que o passista se purifica com a realização de passes, e este desinteresse de certa forma acaba sendo recompensado pelo campo através da elevação espiritual (BOURDIEU, 1996a).

O passe propicia um sentido de vida mais transcendente para seus praticantes. Contudo, também consideramos que a oferta e a procura por este dispositivo terapêutico estão, de certo modo, entrelaçadas ao mercado de bens simbólicos (BERGER, 1985). Para além de uma prática específica, na medida em que atrai pessoas de fora, o passe, enquanto dispositivo terapêutico, perpassa vários elementos que, embora situados para além do Espiritismo, fazem parte da visão doutrinária espírita, constituindo a base para que este dispositivo seja eficaz no que concerne à caridade, ao amor ao próximo, à transformação moral e à reforma íntima. E mesmo na argumentação espírita baseada na fuga do materialismo, os bens ofertados são atrativos e estão em disputa no mercado

religioso. Sobre esse ponto, a passista Eneida, quando indagada se conseguia visualizar a presença do Espiritismo dentro do mercado religioso, afirmou que:

Totalmente! Como toda religiosidade... Ele não foge, porque nós trabalhamos com a espiritualidade, mas nós estamos vivendo uma experiência física! E como experiência física, nós estamos sujeitos as leis físicas. E quando eu digo leis físicas, é de mercado, de troca, de uma oferta e uma procura. Sem nenhum problema!

Já no ponto de vista do palestrante Júnior, a relação de uma oferta e de uma procura estaria presente dentro do *espiritismo popular*, pois segundo ele “existe o Espiritismo, onde as pessoas estudam a doutrina espírita, e existe o Espiritismo popular, em que boa parte da população às vezes é simpatizante de alguns princípios espíritas e às vezes nem sabe que são princípios espíritas [...]”. Na sua análise, este Espiritismo popular acaba por se desenvolver entre a maioria das pessoas que frequentam os Centros Espíritas, aonde elas “vão apenas assistir palestras, muitas vezes vão tomar os passes. Tem gente que vai só tomar passe, não fica nem para palestra, chega na metade da palestra e não participa dos estudos”. Com essa perspectiva do Espiritismo popular, o passe torna-se um bem de consumo, atendendo a essas pessoas que transitam, consumindo a mensagem e os bens de serviços religiosos oferecidos. E nesse trânsito, a situação pluralista é, sobretudo, uma situação de mercado (BERGER, 1985)²⁸.

O Passe: a oferta de bens religiosos e a bricolagem de crenças

Em campo é possível ouvir discursos que “qualquer pessoa que se define espírita tem que estudar” ou que “todos os dias o espírito precisa ler um pouco da doutrina”. Assim, o estudo das obras espíritas representa uma ação ou uma

²⁸ Como enfatizado por Bourdieu (1996a), nem todos os tipos de mercado são o que hoje conhecemos como mercado capitalista, um espaço de troca essencialmente competitivo onde cada um busca maximizar o seu lucro ou seu interesse econômico próprio. E este ponto de análise, de oferta e demanda, também pode ser entendido a partir do pensamento de Berger, uns dos principais autores da perspectiva de mercado religioso, que embora isso não signifique dizer que todos os aspectos das atividades religiosas passam a ser consideradas em termos econômicos, mas que grande parte deles sofre a dominação da lógica de mercado.

condição imprescindível e essencial. Como afirma Nascimento Júnior, “ler e se reconhecer na leitura, motiva, em muitos casos, o assumir de um compromisso. A prática como extensão da leitura. Pertencer a um grupo exige aceitar conviver nele, tornar-se parte dele” (2017, p. 111). Além disso, em o Livro dos Espíritos, tem-se a reflexão que “a verdadeira doutrina espírita está nos ensinamentos dados pelos espíritos, e os conhecimentos que esses ensinamentos comportam são muito graves para serem adquiridos de outro modo que não por um estudo sério e continuado” (KARDEC, 2009a, p. 30).

Cavalcanti (1983), compreendendo o Espiritismo como um sistema religioso de crenças e práticas que se inclui no quadro maior de religiões mediúnicas, salienta que o mesmo é uma religião letrada e codificada, e a codificação é certamente a fonte última de autoridade no que se refere a questões doutrinárias. Na codificação, o Espiritismo não se apresenta apenas como uma religião, mas como uma ciência e uma filosofia pelas implicações a um só tempo filosóficas, científicas e morais que dela decorrem. Para Kardec, “Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações” (2009b, p. 10).

Conforme os depoimentos obtidos “se as pessoas observam os ensinamentos da doutrina e buscam segui-los, elas se transformam” (Maria Madalena). Ou seja, sendo o Espiritismo interpretado entre os adeptos como uma filosofia de vida, ser espírita é uma responsabilidade pessoal consigo mesmo; é aplicar os ensinamentos trazidos pela doutrina, como a caridade, o amor ao próximo, “princípios estes que são muito mais interiores que exteriores” (palestrante Júnior). E da forma como mencionou Mariana²⁹, a parte fundamental do processo ocorre internamente, através de reflexões, de estudos e da

²⁹Mariana, pseudônimo atribuído a uma de nossas interlocutoras que pediu para não ser identificada, é uma jovem de vinte e um anos, frequentadora assídua do Centro. A mesma se define espírita desde os seus 17 anos de idade, quando conheceu o Centro André Luiz por meio de um amigo, também espírita. A entrevista com Mariana foi realizada no dia 28 de setembro de 2017.

transformação do pensamento, “Ser espírita é algo voltado para o interior do ser”.

Para os Kardecistas o Espiritismo não é uma religião, na medida em que essa doutrina não apresenta dogmas, cerimônias ou aspectos ritualistas³⁰, e aquilo que é concebido como “ser espírita” pode ser caracterizado pela não necessidade de vinculação institucional. Relacionando esta perspectiva com o Espiritismo popular, mencionado anteriormente pelo palestrante Júnior, convém ressaltar que um significativo fluxo de pessoas busca por Centros sem necessariamente se definir como espírita, já que não existe a necessidade de vinculação institucional. Como observado, há uma heterogeneidade do público frequentador do Centro André Luiz, sendo possível identificar diferentes níveis de pertencas, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

[...] eu não me defino ainda como espírita, porque você dizer que é espírita é muito complexo, ne? Até Chico Xavier dizia, quando perguntava se ele era espírita, dizia: “Estou tentando!” Eu sou de família católica, mas... Devido à religião católica tem muitos dogmas que eu nunca me identifiquei e a doutrina espírita é... Ela é mais esclarecedora nesse sentido e permite os questionamentos... Aí eu me voltei mais pro Espiritismo (Luciano).

Olha, eu me defino espírita, assim, entre aspas. Porque talvez até por intermédio ainda da espiritualidade, muitas vezes eu me afasto um pouco, um mês ou dois. Mas tudo isso eu sei que é consequência por eu ter uma mediunidade muita a florada, com aproximação de espíritos, e eu me afasto! Mas eu volto, eu faço todo um atendimento pra poder voltar a trabalhar. Eu já incorporo, já, muitas vezes, tô começando a psicografar, não é muito nítido ainda (Dona Ana).

³⁰ Para Cavalcanti “Os espíritas entendem ritual num sentido partidário, como sinônimo de conformidade vazia, de atos cuja sequência se repete mecanicamente sem se saber por que ou para quê (1983, p. 43). Entretanto, embora no ponto de vista sociológico a prática do Passe pode ser interpretada como um ritual, apesar dos espíritas não o perceberem desta forma, não é objetivo deste trabalho problematizar tal questão.

A própria categoria nativa de “simpatizante da doutrina” se configura como um elemento deste cenário, a exemplo de Lúcia³¹, considerada, dentre os entrevistados, como uma das pessoas mais em trânsito, circulando entre o Centro observado e a Igreja Católica. A mesma reitera que “Eu não me considero espírita, porque eu ainda sou muito ligada ao catolicismo. Mas, eu me considero uma estudiosa, porque gosto da doutrina realmente, e como é chamado, sou uma simpatizante, ne?” Segundo Lúcia, dentro do catolicismo, estará recebendo a Jesus, e no Passe estará recebendo energias e, conforme nos mostra:

[...] eu acho que realmente as pessoas já vão buscar porque estão passando por dificuldades, todos que vêm à Casa espírita, de certa forma, vêm com essa necessidade de um conforto, de um consolo. Eles vêm com as atribulações de problemas, de energias negativas e o passe acaba, realmente, fazendo esse papel de transferência de uma energia melhor, fazendo com que você saia de lá mais recarregado, mais energizado, mais calmo e com mais potencial pra enfrentar a jornada que se inicia na semana seguinte.

A flexibilidade e a circulação de pessoas, na modernidade, contribuem para a possibilidade de várias formas de experimentação do sagrado. Em seu livro “O Peregrino e o Convertido”, Danielle Hervieu-Léger, considerando o fenômeno da “bricolagem” das crenças pondera que, nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são “assunto de opção pessoal”. Argumentando que estamos diante de uma nova forma de peregrinar na e pela religião, a autora afirma que “Os crentes modernos reivindicam seu direito de bricolagem, e, ao mesmo tempo, o de escolher sua crença” (2008, p. 64). Evidenciando que o traço mais fundamental da modernidade é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição, Hervieu-Léger parte do pressuposto que o homem passa a ser o legislador de sua própria vida, ao passo que, fazendo valer

³¹ Lúcia, pseudônimo atribuído a uma das entrevistadas que pediu para não ser identificada, é uma mulher de 44 anos de idade que não se define como espírita, mas sim como simpatizante da doutrina. Entrevista foi realizada no dia 23 de outubro de 2018.

sua liberdade de escolher, “a crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 44).

Para Peter Berger, o pluralismo religioso teria como base o processo de secularização, definido como “o processo pelo qual se suprime o domínio das instituições e os símbolos religiosos de alguns setores da sociedade e da cultura” (1985, p. 134). Na dinâmica moderna de pluralização, o processo de secularização e a própria individualização do sujeito coloca em destaque uma situação pluralista, em que a adesão à religião passa a ser voluntária, dependendo da escolha e da preferência do indivíduo, sendo que o trânsito entre as pertencas, entre as experiências religiosas, fornece condições para que o pluralismo religioso seja dinâmico.

O processo de secularização “termina por engendrar religiões do tipo do Espiritismo: religiões internalizadas para tomar o conceito weberiano que o respalda, ou seja, religiões de escolha, pelas quais o indivíduo opta pertencer (CAMURÇA, 2012, p. 233). À vista disso, para Hervieu-Léger a secularização não é, acima de tudo, a perda da religião no mundo moderno. Seria, portanto, o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade “onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las (2008, p. 14). Em outras palavras, o que ocorre é que o interesse não é mais fruto da continuidade tradicional e sim interesse voluntário e pessoal, “as religiões tendem a se apresentar-se como uma matéria-prima simbólica, eminentemente maleável, que pode servir para diversos desdobramentos, de acordo com o interesse dos grupos que delas se nutrem” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 55-56).

À medida que temos dificuldades de conviver com a incerteza, a religião precisa afirmar algo, isto é, ideias gerais de existência, no sentido que não conseguimos lidar com aquilo que Geertz (1978) vai denominar de o “problema do significado”. Para este autor, a religião não resolve os problemas mas,

enquanto sistema cultural, modela o sofrimento, dizendo ao homem sobre e como sofrer a partir dos seus símbolos religiosos. Esses símbolos, atribuindo sentido às coisas, trazem consigo um significado que representa algo, e, dentre dos seus princípios básicos de perspectiva religiosa, Geertz traz o axioma que “aquele que tiver de saber precisa primeiro acreditar” (1978, p. 81). E com essa questão do “problema do significado”, o Espiritismo, como todas as religiões, se vê diante dessa necessidade de dar conta do problema da imperfeição do mundo (CAVALCANTI, 1983). Nesse caso, sendo como um sistema religioso, voltando à concepção de que “todos vêm pela dor”, o público no André Luiz muitas vezes é movido pela busca de conforto e consolação, na concepção de amor e atendimento aos anseios individuais, tornando a dor passível de ser compreendida. E nesse pluralismo da livre escolha, a doutrina espírita fornece a possibilidade de “solucionar” ou ao menos amenizar problemas, por meio da via dos passes.

Gerando uma oferta que cria sua própria demanda no prisma do Espiritismo popular, a busca não se alicerça em uma nova visão de mundo, dentro dos principais elementos dos princípios espíritas, a exemplo da imortalidade da alma, a vida futura ou a pluralidade dos mundos, mas o diferencial seria justamente esse atendimento e a busca por tratamentos espirituais. Embora Peralva (2015) ressalve que tem cabido ao Espiritismo, na sua feição de Consolador Prometido, conservar e lançar largamente essa modalidade de socorro espiritual, consideramos o passe como um bem que transita no mercado religioso, onde, na estrutura da distribuição de bens (BOURDIEU, 2001), ele está presente em outros sistemas de sentido religioso³² que de fato estão dentro do ambiente desse mercado. No entanto, ao tempo que também se insere no Espiritismo, atravessando o sistema de crença do modelo Kardecista de

³² Outros sistemas de sentidos religiosos também fazem a utilização dessa atividade. Tem-se um tipo de passe magnético no Vale do Amanhecer; dentro da Umbanda, no processo dos médiuns incorporados com entidade espiritual, encontramos a doação e a recepção de fluidos com o passe umbandista. Na igreja Católica, nas Protestantes, e muitas outras Igrejas existem a prática do passe por imposição das mãos, embora com outras formas e denominações.

caridade e de amor ao próximo – símbolos estes que também estão em circulação, a oferta de passes acaba sendo apreendida por aqueles não praticantes da doutrina ou simpatizantes, gerando uma produção de seu consumo e dos elementos que perpassam seu discurso e prática. Desta forma, levantamos a observação que, ao tempo que este dispositivo terapêutico atende a um determinado público específico (no caso, os espíritas praticantes), ele não pode deixar de ser considerado como uma forma ou proposta de serviço difundido no mercado religioso.

Considerações finais

De um modo geral, o *ethos* do espiritismo kardecista está ancorado nos símbolos da caridade, da moral e da reforma íntima. Ao mesmo tempo em que a trajetória evolutiva de um espírita se dá em um plano individual, ela é, como ressalta Cavalcanti (1983, p. 56), “necessariamente referida ao outro. Um dos requisitos fundamentais para que ele se dê é o amor ao próximo”. Por essa razão, o passe, enquanto um dispositivo terapêutico, foi interpretado neste trabalho como um ato de caridade praticado pelo passista para com o seu próximo. Este símbolo possibilita a realização de constantes ligações com as espiritualidades superiores, fazendo parte de toda uma perspectiva filosófica, lembrando sempre que, para o Espiritismo, a caridade, no seu aspecto moral, “não está somente na esmola, porque há caridade em pensamentos, em palavras e em atos” (KARDEC, 2009b, p. 165). Entretanto, embora o *ethos* espírita esteja alicerçado num *habitus* que evidencia o desinteresse, ao considerarmos o passe como um dom, procuramos lançar luzes sobre o paradoxo que engendra essa atividade.

Se o passe é um dom, enquanto tal, está envolto pela perspectiva da reciprocidade e, portanto, da obrigação (MAUSS, 2003). Diante do desafio de que muitos dos adeptos da doutrina não reconhecem a presença ativa dessas categorias no campo do espiritismo, como alternativa para tal problemática, procuramos realizar um diálogo a partir de depoimentos divergentes, mas que

em última instância apontavam para a necessidade de constante elevação espiritual e moral do espírita. Ao realizar o passe, o passista ajuda o assistido mas, ao mesmo tempo, se beneficia. Em outras palavras, embora a caridade fundamente tanto a ação como a percepção do espírita frente a sua realidade social, ela não irá excluir completamente a consciência da troca, devido à presença sutil e dissimulada do interesse fundamentado na *illusio*. Novamente, conforme Bourdieu, “o dom só é de fato dom se não parecer como tal, nem para quem o faz nem para quem o recebe” (BOURDIEU, 1996b, p. 10).

Outro aspecto fundamental em nossa análise foi pensar a atuação do Espiritismo a partir da dinâmica do mercado religioso. Muitos de nossos interlocutores enfatizaram a concepção de que a maior parte das pessoas que buscam Centros Espíritas, “vêm pela dor”. Nesse sentido, considerando o passe como um serviço religioso, surgiu a perspectiva do Espiritismo popular, visto que muitos daqueles que transitam no espaço dos Centros Espíritas são levados pela busca por resolução de questões mais imediatas, sem uma vinculação com os elementos que engendram o *ethos* espírita. É, pois, uma forma de apropriação.

Referências

- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996a.
- _____. Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom. In: *Mana*, v. 2, n. 2, p. 7-20, 1996b. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200001. Acesso em: 03 dez. 2019.
- _____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Secularização e reencantamento: emergência dos novos movimentos religiosos*. São Paulo, 2012.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível*. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- GEERTZ, C. A religião como sistema cultural. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HERVIEU-LÉGER, Danielle. *O peregrino e o convertido*. A religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

LATOURE, Bruno. "Não congelarás a imagem", ou: como não desentender o debate ciência-religião. *Mana*, v. 2, n. 10, p. 349-376, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n2/25164.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.

LEWGOY, Bernardo. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 233-254, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004. Acesso em: 07 fev. 2018.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 2003.

NASCIMENTO JÚNIOR, Joaquim Izidro. *Como pensam os mortos: ideologia moderna, catolicismo e espiritismo kardecista em Juazeiro do Norte/CE*. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, 2017.

Fontes

Entrevistas

Ana Maria Romão, 55 anos; ex-paciente e frequentadora do Centro. Entrevista realizada por Gerônima Alves no dia 18/10/2017.

Breno Romão, 19 anos, ex-paciente e frequentador do Centro. Entrevista realizada por Gerônima Alves no dia 06/10/2017.

Lúcia (pseudônimo), 44 anos, simpatizante da doutrina e frequentadora do Centro. Entrevista realizada por Gerônima Alves no dia 23/10/2018.

Luciano Guedes Sibra, 43 anos, frequentador do Centro. Entrevista realizada no dia 23/09/2017 por Gerônima Alves.

Maria Eneida Feitosa, 53 anos, espírita, passista e palestrante. Entrevista realizada no dia 27/02/2018 por Gerônima Alves.

Maria Madalena Pereira de Oliveira, 50 anos, espírita, presidente do Centro Espírita André Luiz. Entrevista realizada no dia 22/10/2017 por Gerônima Alves

Mariana (pseudônimo), 21 anos, espírita. Entrevista realizada no dia 28/08/2017 por Gerônima Alves.

Raimundo Nonato Charles Júnior, 44 anos, espírita e palestrante. Entrevista realizada no dia 15/03/2018 por Gerônima Alves.

Socorro Brito, 52 anos, palestrante e passista. Entrevista realizada no dia 15/03/2018, por Gerônima Alves.

Literatura espírita

ARMOND, Edgar. *Passes e radiações*. São Paulo: ALIANÇA, 1990.

JACINTHO, Roque. *Passe e passista*. São Paulo: Luz no Lar, 1987. p. 24.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns, ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

_____. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.

_____. *O livro dos espíritos*. 182. ed. Araras, SP: IDE, 2009a.

_____. *O que é o espiritismo*. 74. ed. Araras, SP: IDE, 2009b.

MELO, Jacob. *O passe: seu estudo, suas técnicas, sua prática*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

NOVAES, Adenáuer Marcos Ferraz De. *Conhecendo o espiritismo*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.

PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade: segundo a obra nos domínios da mediunidade de Francisco Xavier*. 7. ed. Brasília: FEB, 2015.

XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Ditado pelo espírito André Luiz. 13. ed. Brasília, FEB, 2008.

Recebido em 14-08-2019.

Aprovado em 06-12-2019.